

João Batista Libanio e o mundo juvenil pós-junho de 2013: aplicações teológicas sobre uma sociedade em ebulição

Alex Palmer Sampaio Ribeiro¹

Resumo: As Jornadas de Junho de 2013 marcaram um (re)despertar do interesse juvenil para com a política. Em que pese a violência encenada nalguns lugares, aqueles protestos deixaram fissuras e lições para a ação política. Passa-se da sociedade à religião com relativa fluidez e valores caros às gerações passadas perdem sua atração; a utopia de outrora desfalece e renasce sob figurino diverso. Assim, pensamos esse passado recente e seus efeitos, com os aportes deixados pelo saudoso teólogo João Batista Libanio.

Palavras-chave: Juventude. Pastoral. Utopia. Política. Junho de 2013.

Abstract: The June 2013 Days marked a (re)awakening of youth interest in politics. Despite the violence staged in some places, those protests left fissures and lessons for political action. From society to religion, with relative fluidity and values dear to past generations, they lose their attraction; the utopia of yesteryear faints and is re-born under a different form. Thus, we think about this recent past and its effects, with the contributions left by the eminent theologian João Batista Libanio.

Keywords: Youth. Pastoral. Utopia. Politics. June 2013.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, busca-se relacionar os acontecimentos sociais que geraram, perpassam e ainda refletem as chamadas Jornadas de Junho de 2013, forte momento de contestação nacional, com a reflexão do teólogo mineiro João Batista Libanio (1932-2014)² sobre o protagonismo juvenil.

A dificuldade de se tratar sobre as Jornadas de Junho de 2013 e seus efeitos colaterais para o Brasil encontra-se no fato de que, quanto a esse tema, ainda nos encontramos em

1 Alex Palmer Sampaio Ribeiro foi bolsista da FAPEMIG e foi orientando do Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori em sua iniciação científica, concluída em 2019, como estudante de Teologia. Seu plano de trabalho esteve vinculado ao projeto de pesquisa de seu orientador, Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori, intitulado “Fé e contemporaneidade”. Alex concluiu o bacharelado a licenciatura e em Filosofia (2014) e o bacharelado em Teologia (2019) pela FAJE. E-mail do autor: palmerlike@gmail.com

2 Nascido em Belo Horizonte/MG, Libanio era presbítero Jesuíta, teólogo e escritor. cursou filosofia em Nova Friburgo/RJ e Letras neolatinas pela PUC-Rio (1955). Em Frankfurt, fez estudos de teologia sistemática (1961) e, depois em Roma, obteve mestrado e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1968). Seu período em Roma coincidiu com a realização do Concílio Vaticano II, momento oportuno de diálogo com bispos e assessores. De volta ao Brasil, dedicou-se ao magistério e à pesquisa teológica por mais de trinta anos, na linha da teologia da libertação. É autor de cerca de 125 livros, sendo 36 de autoria própria e os demais em colaboração com outros autores. Em seu nome, ainda, são mais de 40 artigos publicados em periódicos especializados e outros inúmeros artigos em jornais e revistas (fonte: < <http://jblibanio.org.br/biografia>>).

terreno movediço, num cenário que contrapõe muitos teóricos. Decisivo é que aquele Junho mobilizou uma geração de jovens na expressão de seu desgosto quanto à sujeira na política. É verdade que os eventos lançaram novos protagonistas e questionaram o lugar-comum do fazer política. Porém, Junho de 2013 é, por vezes, apontado como o embrião de certo conservadorismo que vem ganhando espaço no país desde então. Em paralelo, no âmbito juvenil católico, verifica-se o fortalecimento de posturas neoconservadoras. Parece-nos, aqui, que as disposições em âmbito eclesial ecoam, em certa medida, tendências a floradas naqueles acontecimentos sociais.

Libanio muito se interessou sobre os jovens desde os anos 70, oferecendo-nos valiosa articulação teórica que brota de sua prática com a pastoral juvenil. Contudo, o que temos de Libanio sobre Junho de 2013 é pouco. Ele não escreveu livro sobre as Jornadas nem sabemos se tinha interesse em fazê-lo, mas algo de seu pensamento em torno delas ficou registrado em suas crônicas publicadas pelo jornal mineiro *O Tempo* naquele mesmo ano. Portanto, partiremos da reflexão de Libanio sobre juventude em suas principais obras destinadas a ela, procurando assimilar sua preocupação pastoral (primeira parte). Em seguida, iremos das análises de outros autores sobre Junho de 2013 a uma breve consideração do neoconservadorismo católico juvenil, evocando a reflexão disponível do teólogo sobre os acontecimentos, para perguntarmos, por fim, sobre sua principal contribuição para a nossa reflexão (primeira parte).

PRIMEIRA PARTE

1.1 O TEÓLOGO JOÃO BATISTA LIBANIO E O MUNDO JUVENIL

O interesse do teólogo João Batista Libanio para com a juventude está inscrito na sua história eclesial e acadêmica, no seu serviço a grupos juvenis e na autoria de vários títulos publicados. Para a finalidade desta pesquisa, debruçamo-nos sobre três obras principais de Libanio que dizem mais respeito ao intuito do nosso projeto: *O mundo dos jovens* (1978), *Jovens em tempo de pós-modernidade* (2004) e *Para onde vai a juventude?* (2012).

A mais recente das três obras é mais pastoralmente aplicável, por assim dizer, por sua forma de subsídio-manual para encontros de jovens, ao passo que as outras duas são mais densas e de cunho mais sistemático, embora não pouco pastorais. Metodologicamente, é expediente comum aos dois últimos livros: a descrição do jovem (seja por tipologia ou tendência) em seu ambiente vital e uma análise crítica da descrição apresentada, seguida de sugestões pastorais. Nessas obras, o autor traça, ainda, orientações para o trabalho pastoral com jovens, ora sugerindo dinâmicas grupais, ora propondo perguntas para aprofundamento do tema exposto.

Em cada um desses títulos, Libanio especifica a sua destinação: é para o auxílio de agentes em atividades voltadas para a Pastoral da Juventude, a qual é entendida, aqui, de forma ampla. No escrito de 2004, o autor esclarece que

toda a presença ativa de jovens, ligados à Igreja de maneira consciente, seja em atividades em seu interior, seja fora na sociedade, cai sob o verbete PJ. Fazem parte da PJ tanto os grupos e movimentos de jovens quanto aqueles que trabalham nas catequeses de crisma e de batismo, em atividades sociais paroquiais, em missões apostólicas, em colégios e universidades laicas ou religiosas. Eles se sentem Igreja, agem como Igreja, com maior ou menor organicidade. (LIBANIO, 2004, p. 12)

Sem distinguir juventude de adolescência, Libanio entende juventude como a fase entre a infância e a vida adulta, entre 14 e 25 anos. O fim da juventude, porém, determinar-se-ia mais por mudança na situação social que no processo psicobiológico (LIBANIO, 2004, p. 14). Embora a atual produção teórica sobre o mundo juvenil fale em *juventudes*, acentuando a pluralidade contra o prejuízo de expressões globalizantes, Libanio faz uso destas ainda “sob risco de se perder em afirmações vagas”, sem, contudo, justificar-se (LIBANIO, 2012, p. 5). No nosso trabalho, faremos eco à opção do autor.

1.2 LIBANIO, JUVENTUDE E JUNHO DE 2013: UM RECORTE QUE IMPELE À REFLEXÃO

Com nossa pesquisa, queremos fazer Libanio dialogar com uma situação político-social da qual ele testemunhou o que consideramos como o esboço mais importante do atual quadro de fragmentação da instituição político-democrática brasileira. Para tanto, lançamos mão de dados colhidos desde a leitura das obras apresentadas, bem como de crônicas do autor para sua coluna no jornal mineiro “O Tempo”³, em especial aquelas publicadas no decorrer das mobilizações de 2013. Com isto, pretendemos ver como Libanio nos ajuda a refletir o desencadeamento daqueles fatos na forma da atual conjuntura.

Em junho de 2013, sob a proclamação de “O gigante acordou!”, parte significativa da população brasileira entoou, nas ruas, a sua própria grandeza redescoberta. Ela sentia que tinha de tomar as rédeas dos rumos de sua nação, confiadas às mãos de uns poucos que em nada representavam os desejos do povo – enquanto enchiam os próprios bolsos. Daquele fenômeno de contestação à classe política, tornou-se emblemática a foto de manifestantes ocupando a cobertura do Congresso Nacional em Brasília, a projetarem compridas sombras contra a pretensa inatingibilidade da classe política⁴.

Assim, com alguns autores que pensam as Jornadas de Junho de 2013, entendemos que muito do que vivenciamos hoje, enquanto sociedade, vem se desdobrando desde aquele

3 Libanio escrevia, também, para o extinto *Jornal de Opinião*, da Arquidiocese de Belo Horizonte, e para o portal Dom Total, da Faculdade Dom Hélder Câmara.

4 “Manifestantes invadem cobertura do Congresso Nacional”. G1, Distrito Federal, 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/manifestantes-invadem-cobertura-do-congresso-nacional.html>>. Acesso em: 13 out. 2018.

momento específico. E é inegável o protagonismo juvenil nesse ainda recente levante popular que a história política do Brasil conhece. O uso das redes sociais foi caráter novo na organização: ela mobilizou, a princípio, jovens de grandes centros urbanos e a ideia se alastrou por onde quer que brotasse sede de mudança. Diante desse conjunto, a reflexão de Libanio sobre o jovem brasileiro desde os anos 70 e sobre o advento da pós-modernidade e sua influência na disposição do jovem com relação aos grandes ideais, ganham, no nosso trabalho, particular atenção. Com a leitura de Libanio, ousamos entrever a posição do teólogo frente aos desafios que o novo contexto político, social e eclesial impõe à vida em sociedade.

1.3 DE 1978 A 2012: A CAMINHADA PROCESSUAL DA REFLEXÃO DE LIBANIO SOBRE O MUNDO JUVENIL EM TRÊS GRANDES OBRAS

A principal novidade que se descortina em *Para onde vai a juventude?* (2012) com relação às obras anteriores, é sua opção em falar de tendências, não mais de tipologias. Isto fornece uma dinamicidade que as classificações tipológicas não dão conta. Na obra, ao analisar cada tendência, o autor traça um paralelo entre o jovem situado na chamada pré-modernidade e o jovem da pós-modernidade, abrindo um caminho maleável e sem nada restringir. Uma das mais fortes constatações de Libanio é a de que existe, na pós-modernidade, renúncia ao pensar e “preguiça de pensar a história, fixando-se no presente” (LIBANIO, 2012, p. 34). É frequente ainda, na sua obra, os acenos críticos ao prazer apregoado pelo presentismo, à perda de consciência histórica, ao individualismo e à dissolução da ética.

Na obra de 1978, *O mundo dos jovens*, Libanio ainda não falava em pós-modernidade, cenário recorrente nas duas obras posteriores. Ele falava das conquistas da modernidade, que são a emancipação do sujeito e valorização da historicidade, e do grau de desconfiança gerado nos jovens quanto a inversão desses valores (LIBANIO, 1978, p. 46). Ao mesmo tempo, o autor identificava, nos jovens universitários, o “desligamento dos interesses do povo pobre e simples” (LIBANIO, 1978, p. 48) e apontava a dificuldade de se definir o alvo contra o que eles protestavam nas mobilizações, uma vez que não se limitavam a nenhum setor específico (*Ibid.*, p. 50). Mesmo escrevendo há quarenta anos, são condições tão atuais quanto observáveis, a nosso ver.

Na mesma obra, Libanio oferece listas de tipologias: as dos jovens que frequentam movimentos, analisando as atitudes diversas com que eles se aproximavam desses grupos (*Ibid.*, p. 78ss). O autor explica, de saída, seus critérios para o recurso à tipologia: consciência e prática. Assim, procura “ver os jovens a partir da consciência que (eles) têm de sua prática social, da maneira como experimentam e exprimem suas próprias experiências, seus problemas, seus desejos etc.” (*Ibid.*, p. 79). Sua preocupação é, em última instância, pastoral. Fala, dentre outras categorias, de jovens existencialmente inquietos, dos socialmente inquietos, dos tradicionalmente religiosos e dos alienados.

Seu método de traçar tipologias ganhou novos desenvolvimentos na obra de 2004, *Jovens em tempos de pós-modernidade*. Desta vez, ao introduzi-las, o autor assinala que seu critério brota da “prática pastoral e do bom senso”, evocando a função do teórico de “clarear a complexidade da realidade e permitir ações sobre ela” (LIBANIO, 2004, p. 42). Aqui, o teólogo descreve as atitudes do jovem em relação com a modernidade (capítulo 2), do jovem pós-moderno diante do mundo religioso (capítulo 5) e do jovem com relação à pós-modernidade (capítulo 6). Além disso, Libanio constata a falta de senso de humanidade e a existência de uma cultura da insolidariedade, ao passo em que vê como fruto de processo de amadurecimento e da sublimação das energias da agressividade próprias da puberdade a associação do jovem a grandes causas humanitárias (*Ibid.*, p. 34). Nesse sentido, o teólogo detectava o surgimento de causas humanitárias que atraíam jovens na Europa e que desembarcavam aos poucos no Brasil.

Experiências como essas servem para detonar iniciativas e idealismos adormecidos na geração pós-moderna. O feminismo, o pacifismo, a luta pelos direitos humanos em todo o mundo, o combate ao armamentismo, o voluntariado nos países mais carentes e em catástrofes maiores, o combate ao racismo e a toda discriminação surgem como programas mundiais que despertam o idealismo juvenil (LIBANIO, 2004, p. 35).

1.4 A PREOCUPAÇÃO PASTORAL DE LIBANIO

No início de *O mundo dos jovens* (1978), Libanio assinala que a pastoral exercida pela Igreja foi, por séculos, uma pastoral de conservação e proteção. No passado, era o batismo que selava o ingresso na sociedade (LIBANIO, 1978, p.7). O autor observa, então, que a Igreja sempre esteve voltada para a infância e a juventude e que a pastoral junto a esse público se apoiava em dois pilares: as instituições (de catequese, de ensino-formação religiosa, de Colégios) e os movimentos de juventude (promessa de aprofundamento da fé, formação de uma elite espiritual entre os jovens, por ex.: Cruzada Eucarística) (*Ibid.*, p. 7 e 8). O fator da sociedade aberta, entretanto, desafiou aquela pastoral que se dava em clima de segurança. Foi o momento em que “a barca protetora da Igreja esfacelou-se”, restando à Igreja apenas “ensinar as pessoas a nadarem e enfrentarem as ondas” e, no tocante ao papel da pastoral da juventude, “formar os jovens para a decisão livre e responsável de ser cristão” (*Ibid.*, p.8).

Urge que os líderes eclesiais lidem com o que vem sendo chamado de “desafeição religiosa” no universo juvenil⁵. Para tanto, a Igreja dispõe de relevante subsídio voltado para a pastoral juvenil. Somente para citar algumas ações, em 1979, os bispos latino-americanos, em Puebla, propuseram a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens; em 2007, com a 45ª Assembleia Geral da CNBB, promulgou-se o documento “Evangelificação da juventude:

5 É suficiente uma rápida olhada nos números do Censo de 2010, os quais mostram decréscimo do número de jovens católicos e aumento dos jovens evangélicos e dos que se dizem sem religião.

Desafios e perspectivas pastorais”, no qual o jovem é concebido como “lugar teológico”: acolher a sua voz é acolher a voz de Deus⁶; o Sínodo sobre Juventude, em Roma, ocorrido entre os dias 3 e 28 outubro de 2018, com participativo processo de preparação e a elaboração do documento final “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, onde se registra o que de mais recente a Igreja tem refletido sobre juventude – e que deve servir de parâmetro para a pastoral juvenil agora e nos próximos anos; por fim, do Papa João Paulo II ao Papa Francisco, desde 1986 até 2019, realizaram-se 13 Jornadas Mundiais da Juventude.

Libanio escreve, portanto, de um lugar de fala específico. Nosso autor não faz mais que refletir teologicamente, desenvolvendo o que o magistério já diz a respeito do jovem na Igreja. Naturalmente, a sua experiência de acompanhamento a grupos católicos de militância política é fulcral para entendermos a simpatia do autor para com aquele modelo de comprometimento, a ponto de compreendê-lo como sendo o ideal ao jovem pós-moderno. O convite a um olhar comprometido com a história, pela valorização da luta dos antepassados na conquista da frágil liberdade democrática dos dias de hoje, talvez seja a maior contribuição de Libanio para a nossa reflexão.

O teólogo destaca, dentre os jovens modernos burgueses, os que se rebelam contra a modernidade em sucessivas gerações desde os anos 40. Destaca, da Alemanha, a geração dos jovens sartreanos, da juventude cética (*skeptische Jugend*), em contexto de pós-guerra, amargurada pelas derrotas nas guerras. Os países europeus se dobram à poderosa influência dos Estados Unidos. Na década de 50, a juventude transviada atua pela via do deboche, da insolência, sobretudo pelo mundo da música. Na década de 60, após a Revolução Cubana, a influência de jovens carismáticos como Fidel Castro, Che Guevara e Padre Camilo Torres faz girar o ponteiro “das farras, desencantamentos e bacanais para o compromisso político” (LIBANIO, 2004, p. 56). É a geração politizada, “de contestação aos regimes capitalistas corruptos e exploradores, apoiados ou conduzidos pelos militares” (*Ibid.*, p. 56). O clímax foi Maio de 1968, em Paris. É a geração liberacionista que se opunha à tradição no tocante à sexualidade, brandindo a bandeira da liberação sexual. Surgiu a novidade da prática sexual sem culpa e tal rebelião sexual refletiu, segundo Libanio, “o mal-estar da civilização. O jovem é a febre da sociedade doentia” (*Ibid.*, p. 57).

SEGUNDA PARTE

2.1 AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013 EM TRÊS FASES

O cientista político André Singer⁷ analisa, já em novembro de 2013, os eventos de meses antes e levanta um problema de denominação. Ele registra o aparecimento, já naquela época, da expressão *Jornadas de Junho* entre seus colegas de departamento, mas denuncia

6 CNBB, “Evangelificação da juventude: desafios e perspectivas pastorais” (Documentos da CNBB, n. 85). São Paulo: Paulinas, 2007, n. 81.

7 Professor do departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP).

a inadequação do nome. Propõe, antes, *acontecimentos*, percebendo o desnível de Junho de 2013 com o que é chamado, historicamente, de jornadas, como as da pós-revolução de 1848, na França, quando o proletariado de Paris se lançou a uma tentativa insurrecional que acabou sendo reprimida à bala sob o comando do general Cavaignac. Singer, então, parafraseia Karl Marx, afirmando que aquelas jornadas fizeram a Europa tremer, e conclui que as mobilizações brasileiras não tiveram a força de um terremoto, mas de um tremor de terra, admitindo, assim, ter havido algo, mas não uma tentativa de insurreição, “uma vez que o travejamento fundamental da ordem não foi questionado” (SINGER, 2013, p. 24). Nessa linha, Singer resalta que, em Junho de 2013, as relações de classe e propriedade não foram questionadas e que ninguém, à época, realmente imaginou estar em curso uma tentativa de insurreição. Ao reverenciar a França como a pátria das mobilizações de massa desde 1789, Singer vê, portanto, o nome *acontecimentos de junho* para os eventos brasileiros como o mais apropriado⁸. Ele recorda, ainda, uma palestra de Paulo Arantes⁹, na qual o filósofo dizia da dificuldade que Jean-Paul Sartre, no seu tempo, teve em definir o que ocorreu em maio de 1968. O Brasil via-se, então, em igual estágio de indefinição quanto a Junho de 2013.

Ainda que os protestos continuassem para além daquele junho, focamos, como Singer, nesse mês apenas. O autor lembra que cada fase durou cerca de uma semana. Tudo se inicia com a ebulição de pequena classe média na cidade de São Paulo nos dias 6, 10, 11 e 13 de junho. Nesse início, o objetivo era claro: a redução do preço das passagens do transporte público. As mobilizações seguiam o modelo adotado pelo Movimento Passe Livre (MPL) em anos anteriores: convocação pelas redes sociais, marcha seguida de paralisação de vias públicas e havendo, ao final, “escaramuças com a polícia” (SINGER, 2013, p. 24). No transcorrer dos dias, o número de participantes subiu dos 2 mil iniciais para 5 mil, culminando em cenas de violência policial e destruição do patrimônio. No dia 13, quinta-feira, contanto com 20 mil participantes, segundo organizadores – para a PM, 5 mil –, a marcha avançou do centro à Consolação, sendo impedida de prosseguir até a Avenida Paulista. Houve repressão violentíssima e depoimentos falavam em policiais “enlouquecidos” e em “cenas de guerra” a céu aberto (*Ibid.*, p. 25).

A segunda fase se inicia sob a atenção e simpatia do grande público, com manifestações nos dias 17, 18, 19 e 20 de junho, o auge. Outras frações da sociedade entram em cena, potencializando os protestos, mas tornando vagas e difusas suas demandas. A convocação do MPL para o protesto de segunda, 17 de junho, ressoou nas maiores capitais do país. Houve profusão de dizeres e pautas, dentre os quais “Copa do Mundo eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação”, “Queremos hospitais padrão Fifa”, “Todos contra a corrupção”, “Fora Dilma! Fora Cabral! PT = Pilantragem e traição”, “Fora Alckmin” etc. A atuação do pastor e

8 Mesmo atentos a essa dificuldade, manteremos o uso de Jornadas de Junho para falar dos eventos em questão.

9 Nascido em 1942, em São Paulo capital, Paulo Eduardo Arantes é filósofo e pensador marxista. Foi militante da JUC (Juventude Universitária Católica) por algum tempo, chegando a integrar a diretoria nacional em 1963 (fonte: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Paulo_Arantes>). Atualmente, leciona no departamento de filosofia da USP.

deputado federal Marcos Feliciano à frente da comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados também não foi perdoada nos protestos. Soma-se a isso, a depredação de edifícios públicos (Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, Congresso Nacional, Itamaraty) como expressão de repúdio aos políticos como um todo. Em resposta, na quarta 19, a prefeitura do município e o governo do estado de São Paulo recuaram e revogaram o aumento da tarifa. O mesmo se repetiu no Rio de Janeiro e em dezenas de cidades. Em suposta comemoração no dia 20, com demonstrações em mais de 100 cidades, alcançou-se um total de 1,5 milhão de participantes. Quatro dias depois, em resposta, “a presidente Dilma Rousseff propunha a Constituinte exclusiva para a reforma política, a qual seria, de acordo com o projeto, depois submetida a plebiscito popular” (SINGER, 2013, p. 26).

Na terceira e última fase, do dia 21 ao final do mês, o grande movimento fragmentou-se em “mobilizações parciais com objetivos específicos” (redução dos pedágios, derrubada da PEC 37, protesto contra a instauração do Programa Mais Médicos, etc.). Um ano depois, o site da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) fez um balanço dos protestos de junho avaliando os cinco pactos propostos pelo governo federal: responsabilidade fiscal e controle da inflação; investimentos em saúde e contratação de médicos estrangeiros; destinação de 100% dos royalties de petróleo para a educação; recursos para a mobilidade urbana e, por último, a convocação de uma Constituinte sobre reforma política. O ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, afirmaria ao EBC que a principal das propostas, aquela sobre a reforma política, “bateu na trave”. Ele analisava que o pacto sobre responsabilidade fiscal não gerou ações concretas, enquanto que os outros três foram cumpridos apenas parcialmente: concretizou-se o Programa Mais Médicos; na educação, foi aprovada a destinação de 75% dos royalties do petróleo e mais 50% do Fundo Social do Pré-Sal; quanto à mobilidade urbana, investiram-se R\$ 50 bilhões, sobretudo nas cidades-sedes da Copa do Mundo. Especialistas e movimentos sociais, por sua vez, denunciavam o não cumprimento dos pactos. Quanto à reforma política, o cientista político Leonardo Barreto falava da necessidade de se comprometer “certas coisas que vão contra o *status quo* da própria classe política”. Da parte dos movimentos sociais, o ativista Lucas Oliveira, do MPL, encabeçou a crítica, dizendo que apesar de a presidente Dilma Rousseff tê-los ouvido, ela nada fez para garantir o direito ao transporte das pessoas. Ainda assim, o MPL contabilizava algumas vitórias como a inclusão do transporte como direito social em nova redação do Artigo 6º da Constituição Federal graças à aprovação da Emenda Constitucional nº 90. Outras conquistas foram, ainda, a retirada de pauta da PEC 37, que propunha remover o poder de investigação do Ministério Público e a retirada do controverso projeto alcunhado de “cura gay”, do deputado Marcos Feliciano. Por fim, o MPL avaliou que Junho permitiu o crescimento das lutas urbanas, “expressas nas ocupações, e também o diálogo entre trabalhadores do transporte público e os usuários de transporte”¹⁰.

10 MARTINS, Helena. “Protestos de junho de 2013 levaram governo a propor cinco pactos”. Empresa Brasil de Comunicação, 21 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.ebc.com.br/amphtml/noticias/brasil/2014/06/mobilizacao-social-de-junho-de-2013-levou-o-governo-a-propor-cinco-pactos>>. Acesso em: 31 out. 2018.

2.2 ANÁLISES DE JUNHO DE 2013 E SEU LEGADO

A seguir, discorreremos sobre o legado de Junho de 2013 a partir de entrevistas concedidas por teóricos ao Instituto Humanitas Unisinos (IHU), que, em junho de 2018, publicou edição da revista IHU On-Line, refletindo Junho de 2013 cinco anos depois.

Moysés Pinto Neto¹¹ diz que todos que tentaram minimizar os protestos estavam errados e que existe o Brasil antes e depois de 2013. Ele vê como irreversível a destituição da legitimidade do poder que caracterizou os acontecimentos, uma vez que dilacerou a polarização peemedebismo com tucanos *versus* petistas. No mesmo artigo, Neto previa a derrocada das três principais forças da Nova República – PMDB, PT e PSDB – nas eleições de 2018. Detectava, ainda, duas tendências interpretativas da esquerda quanto a Junho de 2013: para um grupo, Junho foi o “embrião do golpe”, uma “espécie de ovo da serpente que permitiu a liberação das forças fascistas e conservadoras da sociedade brasileira, desestabilizando um governo que vinha produzindo grandes resultados na área social” (IHU On-Line, 2018, p. 32). Para o outro grupo, Junho teria sido “uma explosão cívica inigualável, um verdadeiro acontecimento que colocou o povo brasileiro como protagonista da sua própria história” (*Ibid.*, p. 32).

Para Rodrigo Nunes¹², não há dúvida de que 2013 foi o fato político de massas mais importante do país desde as Diretas Já. Ele não quer, com isso, romantizar os protestos, mas reconhecer que Junho abriu um novo momento político, para o bem e para o mal, e que “o potencial que existia ali é muito maior que todos os desdobramentos posteriores, e que não se esgotou em nenhum deles” (IHU On-Line, 2018, p. 12). Nunes afirma que tudo que temos vivido desde então decorre dali e vê equivalências entre Junho de 2013 e Maio de 1968, como eventos locais circunscritos em ciclos globais de contestação. Assim, para além da imensa popularização das redes sociais, apontam-se três grandes componentes de fundo: a crise econômica mundial iniciada em 2007; a exposição do quanto a política representativa foi capturada por interesses corporativos e financeiros, tanto pela direita quanto pela esquerda; e, por último, o colapso do centrismo, implicando no reforço de ideias mais à esquerda ou mais à direita. As reverberações de Junho nos anos seguintes se deram com os protestos pró-impeachment de 2015, com as ocupações de escolas em 2016, com a ampla adesão de setores não sindicais à greve geral de 2017 e com a greve dos caminhoneiros de 2018. Segundo Nunes, são desdobramentos de Junho porque seguem respondendo ao contexto aberto por aquelas mobilizações: “a desmoralização das instituições, do sistema político e daqueles que o manejam”. Para ele, Junho de 2013 deixou uma memória que é sempre reativada na expectativa de cada nova mobilização ser “o novo 2013” e deixou, também, um lastro prático: “contatos, estruturas, modos de organização, repertórios de ação etc”. Aproveitaram-se disso, por exemplo, o Movimento Brasil Livre (MBL), ao encabeçar movimentos pró-impeachment; também as

11 Graduado em Ciências Jurídicas pela UFRGS, mestre em Ciências Criminais e doutor pela PUCRS. Leciona no Programa de Pós-Graduação em Educação na ULBRA e no curso de Direito da Universidade Luterana do Brasil, Ulbra Canoas (cf. IHU On-Line, 2018, p. 30).

12 Doutor em Filosofia pelo Goldsmiths College, Universidade de Londres, e professor da PUC-Rio (cf. *Ibid.*, p. 12)

ocupações escolares de 2016, por sua vez, contaram com ampla participação de secundaristas que estiveram nos protestos; os caminhoneiros, nos protestos de 2018, também organizaram-se de forma distribuída através do WhatsApp (IHU On-Line, 2018, p. 15).

Segundo Nunes, ainda, uma nova geração política se cristalizou no país. Deste modo, é possível opor uma “geração 2013” àquela última grande geração política formada no Brasil, a “geração da redemocratização” – a que participou da fundação do PT, da CUT, do MST etc. “Tratava-se predominantemente de uma juventude de classe média baixa que havia ‘ascendido’ (isto é, chegado à universidade e aumentado seu poder de consumo) no governo Lula. Pior que isso, 2013 os colocava de algum modo em oposição a estes grandes movimentos populares da geração anterior, na medida em que estes integravam a base petista” (*Ibid.*, p. 16). À época, questionou-se, até mesmo, a legitimidade que tinham os que protestavam, com o argumento de que eram legítimos apenas os protestos dos movimentos tradicionais.

Henrique Costa¹³ acentua que a cara dos protestos foi dada pela classe média. Para ele, Junho de 2013 mostrou, também, a incapacidade de a esquerda dialogar com a juventude. Em decorrência disso, restou à esquerda tentar criar pontes com os jovens, recorrendo a certos “coletivos anabolizados durante o lulismo” (IHU On-Line, 2018, p. 24). Além da citada incapacidade, Costa diz que falta à esquerda, para sobreviver, abrir mão de certas práticas, permitindo que algumas cabeças rolem numa atitude necessária de autocrítica. O analista vê a greve dos caminhoneiros em relação com Junho, pois o maior legado de Junho de 2013 foi desmitificar a rua e desautorizar as organizações tradicionais. O pesquisador ressalta o elemento de auto-organização facilitado pelas redes sociais e a indignação com a classe política em geral e os rumos econômicos do país; destacou, ainda, que não são desprezíveis as inclinações autoritárias e os pedidos de intervenção militar do movimento, fazendo-se necessário um esforço de compreensão. E, em conclusão, detecta dois erros: o acreditar que um virtuoso ciclo econômico da era lulista tenha represado as contradições de uma sociedade fraturada na origem e o assombro com o aparecimento de uma extrema direita com adesão popular, o que só revela a insuficiência da própria esquerda (IHU On-Line, 2018, p. 25).

O ano de 2015 fica marcado por protestos pelo impeachment de Dilma Rousseff, com o acréscimo de vozes oportunistas que pediam intervenção militar na mais alta expressão de arroubo totalitário que ganhava o clamor popular. Os “Fora Dilma” repercutiram na forma de protestos de ruas, normalmente nas zonas mais abastadas das grandes cidades e na forma de “panelaços” que soavam desde as varandas e janelas de edifícios para competir com os pronunciamentos ao vivo da presidente pela TV. O processo de impeachment foi aberto em 2 de dezembro daquele mesmo ano, ao final do segundo ano de mandato, e culminou com a deposição de Rousseff no dia 31 de agosto de 2016, com grande espetacularização televisiva.

O vice-presidente Michel Temer (PMDB) assumiu a cadeira num movimento acusado de golpe pela oposição e manteve-se no lugar sem lograr popularidade, com suas propostas

13 Doutorando em Ciências Sociais na Unicamp, mestre em Ciência Política e graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo – USP (IHU On-Line, 2018, p. 20).

de reforma de previdência. Viu-se às voltas com outros protestos nas ruas, normalmente encabeçados pela esquerda, e viu crescer a resistência às suas medidas impopulares, como ocorreu quando da aprovação, em dezembro de 2016, da PEC 241 pelo congelamento dos gastos do governo federal por vinte anos. A iminência da aprovação da PEC desencadeou mobilização estudantil em forma de ocupações nas escolas, com a posterior adesão de departamentos de universidades públicas e particulares, inclusive. A continuidade das ocupações escolares com o ambiente contestatório de Junho de 2013 estava bastante evidente.

2.3 O PROTAGONISMO JUVENIL E O NOVO MOMENTO POLÍTICO

São diversas as frentes juvenis surgidas desde Junho de 2013 ou inspiradas naqueles eventos. Não é por menos que Junho de 2013 representa o despertar, no meio juvenil, do interesse pela política, por muito adormecido. Aqui, elencaremos alguns desdobramentos devidos a esse novo momento político.

O Movimento Brasil Livre (MBL), fundado em novembro de 2014, foi um dos mais bem-sucedidos resultados do robustecimento do conservadorismo político no Brasil, verificado nos protestos subsequentes a Junho de 2013. Com sigla aludindo ao Movimento Passe Livre (MPL), pioneiro das Jornadas de Junho, o grupo conta, desde o seu início, com farto aparato midiático. Mais tarde, responderia a acusações de que era financiado por partidos políticos como o PMDB e o Solidariedade¹⁴. Além do MBL, o movimento “Vem pra rua” começou suas convocações em outubro de 2014, contra a corrupção generalizada, em apoio à Lava Jato e em prol do impeachment de Dilma Rousseff, realizando protestos que em março de 2016 levaram 6,9 milhões às ruas de todo o país, segundo organizadores¹⁵.

O canal “Mamãe falei”, no YouTube, do agora deputado estadual por São Paulo, Arthur do Val (DEM), conta com atuais 2,3 milhões de inscritos e vídeos com quase 4 milhões de visualizações cada. Dentre os mais vistos, destacam-se, nessa ordem, uma entrevista de Jair Bolsonaro, comemoração da prisão de Lula e a intromissão do youtuber numa das ocupações escolares em 2016. Nas últimas eleições, Arthur do Val foi um dos três nomes ligados ao MBL eleitos por significativo número de votos¹⁶, incluindo o seu coordenador nacional Kim Katagiri (DEM), eleito deputado federal por São Paulo. O outro foi Homero Marchese (Pros), eleito deputado estadual no Paraná. Só em 2018, o MBL lançou 16 nomes na política

14 LOPES, Pedro; SEGALLA, Vinicius. Áudios mostram que partidos financiaram MBL em atos pró-impeachment. *UOL Notícias*, 2016. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>>. Acesso em: 31 out. 2018.

15 MANIFESTANTES fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma. *G1 Política*, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contr-governo-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>>. Acesso em: 31 out. 2018.

16 Kim Katagari, aos 22 anos, foi candidato pelo DEM e eleito deputado federal com cerca de 458 mil votos, sendo o 4º mais votado no estado de São Paulo. Arthur do Val foi o segundo deputado estadual mais votado em São Paulo, com 470 mil votos, atrás somente de Janaína Paschoal (PSL) cotada, posteriormente, a vice na chapa de Jair Messias Bolsonaro.

partidária, em meio à polêmica derrubada de suas páginas no Facebook por suposta propagação de *fake news*. Em 2016, já tinham sido eleitos um prefeito e sete vereadores ligados ao movimento.

A revista Time, em 2015, listou Kim Kataguiiri entre os 30 jovens mais influentes do mundo, ao lado da ativista e nobel Malala Yousafzai, do ator e cantor Jaden Smith e das modelos Kendall Jenner e Zendaya. Segundo a própria Times, “depois de co-fundar o Movimento Brasil Livre, em 2014, Kataguiiri, que cita Ronald Reagan e Margaret Thatcher como inspirações, liderou uma manifestação com a força de 200 mil pessoas em São Paulo – a maior da cidade em décadas”¹⁷. Entre janeiro de 2016 e março de 2017, Kim Kataguiiri escreveu para uma coluna semanal na Folha de São Paulo. Ao fim das eleições, no Twitter, a 7 de outubro de 2018, ele agradeceu pelos votos: “Obrigado, meus queridos. O trabalho continua. Agora, é entrar com o pé na porta e acabar com o totalitarismo petista”.

A propaganda e os partidos políticos abriram os olhos para o desempenho de muitos jovens *influencers*, os influenciadores digitais. Tem sido comum as empresas, em nome da promoção de suas marcas, patrocinarem jovens youtubers, os quais passam a viver quase exclusivamente de renda assim adquirida. Para os partidos políticos, os *influencers* são boas iscas para se arrebatar votos.

Nesse sentido, é notável que Jair Messias Bolsonaro (PSL) tenha sido eleito com 55 milhões eleitores, mantendo a vantagem do primeiro turno da campanha. Uma vitória sem precedentes, desprovida de gastos vultosos em campanha e com pouco tempo na televisão – e apesar da ausência do candidato em debates de segundo turno, justificada por sua recuperação de atentado à faca. Se a repercussão massiva de *fake news* e o comprovado disparo de mensagens encabeçado por empresários foram decisivos ou não para a eleição de Bolsonaro é uma incógnita. Mas não é desprezível o fato de que o eleitorado juvenil de Bolsonaro contabilize 60% de seus eleitores. Deve-se a esses jovens a projeção de Bolsonaro rumo à presidência quando a corrida presidencial ainda nem fora ventilada; a eles, deve-se a cunhagem do apelido Mito atribuído ao candidato, na composição do personagem em que o ex-deputado federal se tornou. É inegável, portanto, que Bolsonaro soube dialogar com sua legião de fãs. Em certa medida, Jair Bolsonaro foi um *influencer* não reconhecido a tempo.

2.4 O CATOLICISMO NEOCONSERVADOR PÓS-JUNHO DE 2013

Libanio oferece-nos um panorama dos grupos fundamentalistas e do modo como atraem jovens a eles. O autor parte da necessidade intrínseca ao ser humano de buscar apoio para a insegurança, da necessidade da mãe, e que certos movimentos eclesiais respondem

17 Kim Kataguiiri é um dos 30 jovens mais influentes, diz Time. *Exame*, 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/kim-kataguiiri-e-um-dos-30-mais-influentes-para-revista-time/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

a essa necessidade ao se aproximarem dos jovens com propostas “claras, firmes e sólidas” (LIBANIO, 2012, p. 90). Assim, os grupos fundamentalistas protegem os jovens contra

um mundo pós-moderno desprotegido de normas e comportamentos definidos, acabam buscando um movimento rigorista. Politicamente, inscrevem-se em projetos conservadores até mesmo reacionários. Na vida religiosa, reaparece com força o clericalismo de modo que dependem muito do orientador sacerdote ou de um leigo de estrutura mental semelhante. (*Ibid.*, p. 91)

É marca do pontificado do Papa Francisco o combate ao clericalismo, ao passo em que tem enfrentado resistência da ala conservadora – entre clérigos e leigos – desde o início de seu pontificado, em março de 2013. Naquele mesmo ano, o Papa Francisco esteve no Brasil para a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), ocorrida no Rio de Janeiro entre os dias 23 e 28 de julho. A aglomeração encantou a cidade maravilhosa por seu teor distinto, não destrutivo como os protestos desde junho. Por dúvidas sobre se o Rio de então seria um lugar seguro para os jovens peregrinos da JMJ, é sabido que muitos deixaram de vir ao Brasil. Durante a realização da JMJ, relata-se apenas um tumulto gerado por um grupo de 500 manifestantes que aproveitaram o momento para questionar o investimento de dinheiro público no evento católico. O protesto, ocorrido perto do palco onde se encontrava o Papa Francisco, gerou correria, pânico e choro entre os jovens católicos, mas não foi o suficiente para barrar a programação¹⁸. Ao final daquele ano, Eduardo Paes, então prefeito do Rio, louvou a civilidade dos milhares de jovens católicos pela produção de pouquíssimo lixo, pedindo um comportamento “padrão Papa” aos que acorreriam às praias para as festas do réveillon¹⁹.

Verifica-se, nesses últimos anos, um fortalecimento de uma catolicidade de caráter neoconservador e exclusivista, notadamente entre os jovens. Nas redes sociais como nas ruas, há certo movimento de anuência para com os já comprovados crimes do regime militar no Brasil. Esses mesmos católicos nutrem uma concepção equivocada dos direitos humanos, acusando-os, qual uma entidade, de se destinarem a proteger bandidos, não as vítimas. Nesse contexto, há o flerte com movimentos de cunho monarquista, com certa devoção aos herdeiros da família real portuguesa no Brasil. Mesmo o Papa Bento XVI tem sido tomado como estandarte na batalha contra um catolicismo progressista supostamente representado pelo Papa Francisco. A esse respeito, Francisco já rejeitou tal ideia, afirmando que seu pontificado está em continuidade com o do Papa emérito²⁰.

18 RITTO, Cecília; OLIVEIRA, Pâmela e FARINA, Carolina. Manifestação encurrula peregrinos da Jornada Mundial da Juventude. *Veja*, 2013. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/manifestacao-encurrula-peregrinos-da-jornada-mundial-da-juventude/>>. Acesso em 14 nov. 2013.

19 EDUARDO Paes sonha com turista ‘padrão Papa’ no réveillon de Copacabana. *Veja*, 2013. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/eduardo-paes-sonha-com-turista-padrão-papa-no-reveillon-de-copacabana>>. Acesso em 02 nov. 2018.

20 BENTO XVI: continuidade com o pontificado do Papa Francisco. *Vatican News*, 2018. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/papa-francisco-bento-xvi-teologia.html>>. Acesso em 02 nov. 2018.

Em meio ao cenário político brasileiro, condena-se tudo o que beira a marxismo e comunismo, numa repetição litânica do famoso *Decreto contra comunismo* (1949), do Papa Pio XII, sem que ninguém se dê o trabalho de situar o texto devidamente no contexto²¹. Nas ruas, em agosto de 2015, católicos protagonizaram oposição ao movimento LGBT, quanto ao projeto de inclusão do debate de gênero no Plano de Educação na cidade de São Paulo²². O movimento de contestação passou, também, para o interior das universidades. Em agosto de 2017, estudantes da PUC-Rio protestaram contra a realização de um seminário contra a chamada ideologia de gênero, promovido pelo Move, o Programa de Liderança Católica da PUC-Rio²³. Em outro âmbito, a própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tem sido alvo de protestos, na internet e fora dela, sendo frequentemente acusada de anuência para com uma suposta desmoralização da instituição católica, sendo os bispos acusados de suposto pacto com o PT e partidos de esquerda.

Foi nesse campo que, ao início de 2018, o jovem influenciador digital Bernardo Pires Küster ganhou maior notoriedade ao publicar vídeo com o qual denunciava o repasse, pela CNBB, de dinheiro do Fundo Nacional de Solidariedade, alimentado pelas doações de fiéis católicos em campanhas, para instituições supostamente “abortistas”, representadas pela Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (ABONG). Em entrevista à Folha de São Paulo, Küster rejeita a fama de “MBL dos católicos”, dizendo “meter o cacete” no movimento liberal de Kim Kataguirí²⁴. Propagou-se, à época, um ruidoso, mas tímido movimento para se impedir doações às campanhas promovidas pela CNBB. Difícil mensurar as consequências disto.

Diz Libanio que “trabalhar com fundamentalistas requer muita paciência e acreditar na lentidão do diálogo” (LIBANIO, 2012, p. 92). Ele ressalta que a insegurança está na raiz da personalidade dessas pessoas, que “temem o confronto com a mobilidade, assustam-se diante da farândola de novidades do momento atual que não poupou a religião, os ritos, os ensinamentos teológicos” (*Ibid.*, p. 92). É preciso, portanto, saber assumir com serenidade essas contínuas transformações, procurando “trabalhar uma nova imagem de Deus, de Providência divina, da ação de Deus no mundo” (LIBANIO, 2012, p. 92). A esse respeito, Libanio recomenda a leitura de A. Torres Queiroga para uma compreensão do cristianismo em perspectiva

21 Recomendamos, a esse respeito: A correta interpretação do Decreto contra o Comunismo. *Apologistas Católicos*, 2015. Disponível em: <<http://www.apologistascatolicos.com.br/a-correta-interpretacao-do-decreto-contra-o-comunismo>>. Acesso em 02 nov. 2018.

22 DOMINGOS, Roney. Termo ‘gênero’ no Plano Municipal de Educação gera protesto na Câmara. *G1 São Paulo*, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/termo-genero-no-plano-municipal-de-educacao-gera-protesto-na-camara.html>>. Acesso em 02 nov. 2018.

23 GRUPO LGBT entra em conflito com católicos em evento sobre ideologia de gênero na PUC-Rio. *Sempre Família*, 2017. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/grupo-lgbt-entra-em-conflito-com-catolicos-em-evento-sobre-ideologia-de-genero-na-puc-rio/>. Acesso em: 02 nov. 2018.

24 BALLOUSSIER, Anna V. Youtuber mira CNBB ‘esquerdizada’ e rejeita fama de ‘MBL dos católicos’. *Folha de S. Paulo*, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/youtuber-mira-cnbb-esquerdizada-e-rejeita-fama-de-mbl-dos-catolicos.shtml>>. Acesso em 11 nov. 2018.

moderna, no intuito de “apresentar uma releitura da imagem de Deus para os tempos atuais” (*Ibid.*, p. 92).

2.5 LIBANIO NO JORNAL “O TEMPO”: UM TEÓLOGO EM DIÁLOGO COM A SOCIEDADE

Libanio escrevia para uma coluna semanal no jornal mineiro “O Tempo”. Para a nossa investigação, interessou-nos, para além da produção bibliográfica aqui já discutida, os escritos do teólogo publicados no contexto dos desdobramentos das Jornadas de Junho. Todas as crônicas aqui citadas encontram-se devidamente referenciadas na lista bibliográfica ao final do nosso artigo.

Em artigo publicado a 6 de maio de 2012, Libanio reflete sobre os protestos nas ruas do Chile a favor da educação e contra o sistema em voga desde Pinochet. No início do artigo, o teólogo evoca outros protestos na Espanha, como o “Los indignados”, que clamavam por vagas de trabalho, e fala, ainda, dos protestos de Wall Street. Assim, Libanio não isola os acontecimentos do Chile. Antes, situa-o num contexto global. O teólogo analisava como o sistema educacional no Chile oprimia os pobres, relegando-os a um fraco ensino fundamental e, conseqüentemente, à restrição de acesso aos maiores centros da cultura. Ressalta, ainda, o protagonismo da líder estudantil Camila Vallejo ao desafiar os cétricos que veem os jovens pós-modernos a partir da inércia e que, se estes protestam, não logram efeito apesar de todo o barulho. Ao final do artigo, Libanio assinala que os gritos dos jovens do Chile “merecem ecoar entre nós e provocar reações semelhantes”, sobretudo em vista da melhoria da educação.

Em 5 de agosto de 2012, o jornal *O Tempo* publica “Entre a utopia e a rebeldia dos jovens”. Aqui, Libanio traça, de início, uma diferenciação, apesar das semelhanças, entre os protestos juvenis modernos e os pós-modernos, segundo o qual os primeiros bradam em nome da utopia e os segundos, por pura rebeldia. O teólogo assinalava que a insatisfação juvenil, tanto no passado como então, endereçava-se tanto aos sistemas econômico e político dominantes quanto a aspectos culturais e religiosos. Libanio vê a reação utópica como sadia, pela projeção do futuro e pelo próprio fascínio que ela desperta por sua beleza e humanidade. Resgata, então, o idealismo juvenil da década de 60 no enfrentamento do regime militar, que a muitos custou a própria vida. Já a rebeldia, por si só, “não tem horizonte. Não pensa no futuro. Não sonha com sociedade melhor e humana”. Os jovens em Londres bradavam por melhor consumo enquanto os subúrbios de Paris moviam-se por “igualdade de vida com os mais abastados”. Já “Los indignados” em Madri não pensam “em nenhuma utopia de novo sistema, mas em empregos e salários que lhes permitem viver bem na sociedade de consumo”. Em conclusão, Libanio vê esperança onde a rebeldia flui em utopia, pois, na utopia, o jovem

canaliza sua rebeldia na luta por grandes causas, como, por exemplo, a ecologia e a justiça social²⁵.

Em 30 de junho de 2013, *O Tempo* publica “O Brasil ferve de insatisfação com a política”. Aqui, Libanio escreve no bojo dos eventos. Começa traçando paralelo com a Paris de 68 e destaca seu começo modesto (liberalização dos aposentos de moças e rapazes na universidade). Lembra, na sequência, dos protestos dos cara-pintadas pelo impeachment de Collor no Brasil, em 1989, e a derrubada de ditadores na Primavera Árabe, aliada à novidade das redes sociais. O autor diz que o Brasil vivia, então, uma síntese dessas três ondas de protestos. Assinala que, de Maio de 68, o Brasil mostrou ter aprendido que “basta uma fagulha para se produzir um incêndio”; dos “fora Collor” de 1989, o país herdou o lado festivo “dos cartazes com humor e ironia”; e, da Primavera Árabe, imitou o recurso às redes sociais. Mesmo assinalando que “tudo começou por causa de R\$ 0,20”, o teólogo fala de um material inflamável que já existia por baixo: a insatisfação para com o conjunto da política do país.

Um mínimo de sensibilidade política nos mostra a insatisfação generalizada contra a política em curso no país desde longa data. A quantidade de deputados fabricados por partidos que em quase nada representam o povo e devoram grossas fatias do dinheiro público. Obras faraônicas que não visam ao bem popular. No caso, aproveitou-se para atacar os gastos com a Copa. Desleixo na educação, na saúde e no transporte público urbano. Os vergonhosos salários dos professores em comparação com as mordomias de políticos desestimulam a vocação para o magistério.

Libanio distinguia a presença imiscuída, no meio das mobilizações, de baderneiros e de burgueses que se sentiam ameaçados pelas quotas às escolas públicas. O teólogo já assinalava a existência de uma direita que não conseguia mobilizar por seus programas e que penetrava naqueles momentos misturando “alhos com bugalhos” na crítica ao governo. Para Libanio, o momento era importante mais pela crítica ao sistema político como um todo. Entretanto, nosso teólogo falece ao início de 2014 sem testemunhar a articulada derrocada da esquerda brasileira, bem como a marcha dos eventos subsequentes dos abalos de então. A impressão que se tem é que a perda da consciência histórica deu-se de um modo aparentemente irreversível, tudo em nome de ingênua avidez por transformação.

CONCLUSÃO

As Jornadas de Junho de 2013 devem ser reconhecidas em sua relevância para a história do país, para o bem ou para o mal. O fenômeno da perda da consciência histórica que se

25 O capítulo 5 de *Jovens em tempo de modernidade* (LIBANIO, 2004, p. 80-87), intitulado *Juventude e violência*, trata da canalização das energias da agressividade juvenil “para superar as dificuldades, os desafios normais da idade e não para voltar-se destrutivamente contra si, contra os outros, contra a sociedade” (*Ibid.*, p. 87). Nesse intuito, as utopias têm papel fundamental.

faz sentir só pode existir onde encontra ambiente favorável à sua proliferação. Deste modo, a história ameaça se repetir, girando sobre erros cometidos e já reconhecidos oportunamente. Nesse sentido, Libanio reflete que

a carência da dimensão de futuro, a ausência da esperança, a perda da consciência histórica comprometem a ética. Obnubilam valores permanentes e absolutos e levam a atropelá-los. A perda da consciência histórica aliena. A alienação retira a pessoa da realidade e projeta-a para um mundo irreal, no sentido de não perceber as tramas profundas dos acontecimentos. O presentismo inocenta muita perversidade histórica, ao desconhecer as causas passadas a atuar no momento atual. (LIBANIO, 2012, p. 35)

Os protestos sempre buscam frutos imediatos, mas possuem a vantagem de não se fixarem apenas no presente. Conseqüentemente, o neoconservadorismo católico revela a confusão de jovens capturados entre o valor de sua própria experiência pessoal de fé e a sombra de uma eclesialidade nociva que impõe normas, desconcerta e limita. Tal espécie de fundamentalismo negligencia, certamente, o que há de essencial no ensinamento de Jesus. Esquece-se da fraternidade e da misericórdia.

Enquanto mirada para o futuro, na construção de um país mais justo para as próximas gerações, as Jornadas de Junho representam o despertar da utopia, uma mensagem aos jovens de que vale a pena se interessar e lutar por uma nova política. No âmbito eclesial, onde, ocasionalmente, podemos encontrar jovens desolados e até frustrados com o que consideram inércia da Igreja, por não agir como guardião de sua própria fé, é salutar o modo como Libanio anima a ação da pastoral da juventude: ela deve ajudar os jovens “a descobrir Deus presente na vida, na história, nas realidades, nos momentos de alegria e tristeza, de festa ou luto. A espiritualidade inaciana frisa essa linha de buscar e encontrar a Deus em todas as coisas” (LIBANIO, 2012, p. 196).

REFERÊNCIAS

IHU on-line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. *Junho de 2013: cinco anos depois. Demanda de uma radicalização democrática nunca realizada*, ano XVIII, n. 524, 18 jun. 2018. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/524>>.

LIBANIO, J. B. *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004. (Humanística, 9)

_____. Entre a utopia e a rebeldia dos jovens. *O Tempo*, Belo Horizonte, a. 16, n. 5712, p. 23, 05 ago. 2012.

_____. O Brasil ferve de insatisfação com a política. *O Tempo*, Belo Horizonte, a. 17, n. 6041, p. 27, 30 jun. 2013.

_____. O eleitor de hoje e o eleitor do futuro. *O Tempo*, Belo Horizonte, a. 17, n. 6139, p. 17, 06 out. 2013.

_____. *O mundo dos jovens: reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja*. São Paulo: Edições Loyola, 1978.

_____. Os jovens se movem e seus gritos ecoam aqui. *O Tempo*, Belo Horizonte, a. 16, n. 5621, p. 23, 06 mai. 2012.

_____. *Para onde vai a juventude?* 2.ed. São Paulo: Paulus, 2012.

MORAES, Renato; PECHANSKI, João Alexandre. *Os protestos de junho e a agenda propositiva: um argumento teórico*. IN: *Lutas Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 31, p. 111-124, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/25728>>.

SINGER, André. *Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas*. IN: *Dossiê: mobilizações, protestos e revoluções*. *Novos Estudos CEBRAP* 97, nov. 2013, pp. 23-40. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000300003>.